

# REFORMULANDO ESPAÇOS E REVISITANDO GÊNEROS: SOCIALIZAÇÕES LÉSBICAS EM UM BAR NO RIO DE JANEIRO

**Andréa Lacombe**

Universidade Federal do Rio de Janeiro

E-mail: andrealacombe@yahoo.com.br

*Resumo: Este artigo dedica-se a explicitar os modos pelos quais um grupo de mulheres que gostam de outras mulheres – entendidas, segundo a autodenominação – se apropria de um espaço considerado como masculino, e as estratégias utilizadas nesta operação. Como se configuram os grupos no bar? As seguintes indagações constituem objeto da presente análise: qual o lugar ocupado atualmente pelos antigos fregueses? Quais os diferentes níveis de inclusão e exclusão social? Que papel desempenha a sedução, na articulação dos grupos de freguesas? Por que elas se referem a um “bar familiar”?*

*Palavras-chave: lesbianismo; estudos queer; estudos de gênero; sociabilidade.*

Este artigo centra-se no trabalho de campo<sup>1</sup> realizado no Flôr do André, bar no centro da cidade do Rio de Janeiro – entre os bairros de Fátima e Santa Teresa – definido, por suas características socioculturais, como um botequim. Frequentado em seus 30 anos de existência quase exclusivamente por homens, há pouco mais de cinco anos começou a albergar um público novo que, em parte, substituiu a antiga freguesia. A nova frequência refere-se a mulheres, em sua maioria lésbicas, que cooptaram este espaço, redimensionando as relações sociais ali construídas. Os modos de ocupação dos espaços, as vestimentas utilizadas, os movimentos corporais, enfim, as práticas performáticas por elas desenvolvidas se assemelham mais às masculinas, o que indica a manutenção da característica do espaço como masculino. Cabe esclarecer que este

<sup>1</sup> Pesquisa realizada em 2004, que deu origem a minha dissertação de mestrado, no Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social do Museu Nacional, UFRJ, sob orientação do professor Otávio Velho.

bar não é classificado pelas freguesas como local GLS.<sup>2</sup> Elas recusaram explicitamente o uso desta locução para definir o espaço, estabelecendo uma distinção entre “boate gls” e “bar familiar”, forma de qualificação do Flôr do André.

## Por dentro e por fora do Flôr do André

A organização espacial do bar apresenta características específicas, de acordo com o horário e com o dia da semana. Tais especificidades enquadram-se no padrão descrito por Machado da Silva, acerca dos chamados *botequins*<sup>3</sup> cariocas. Segundo este autor (1969, p. 160-182), o *botequim* é uma instituição frequentada por homens trabalhadores de camadas populares, geralmente localizado próximo à entrada de favelas ou em regiões de baixa renda da cidade. Por outro lado, a duração e a intensidade de permanência no local são marcantes: possui freguesia fixa – “A assiduidade dos fregueses é de tal ordem, que em muitos casos o botequim depende dele para sobreviver” (MACHADO, 1969, p. 163).

Durante o dia, a atividade se reduz a seu interior: as pessoas permanecem nos bancos altos do balcão ou nas quatro mesas que o contornam. Geralmente cada mesa é ocupada por duas pessoas: uma de cada lado, apoiando a cadeira contra a parede e de frente para o balcão, como se este fosse um palco e Nilda – a atendente – a atriz da peça. O mesmo se dá em relação aos bancos: primeiro são ocupados aqueles ao lado da entrada e, posteriormente, os localizados em frente às mesas, com a precaução de se ficar de lado, para não dar as costas à garçonete ou para os que estão nas mesas. A distribuição parece sempre preparada para dar lugar a um diálogo, ainda que não ocorra qualquer conversa.

As condições climáticas não influenciam a frequência: tanto em dias frios e chuvosos quanto nos quentes e ensolarados as pessoas buscam aquele lugar. Entretanto, a diferença se estabelece à noite, já que, nas mais amenas, as pessoas buscam mais as mesas da calçada do que as situadas no interior do bar, e a estada se prolonga até mais tarde da noite, até mesmo nos dias úteis. Durante a noite, o Flôr do André

<sup>2</sup> Sigla utilizada no Brasil para identificar lugares específicos de socialização de gays e lésbicas; a letra S corresponde a “simpatizantes”, como forma de expressar a abertura a pessoas que, apesar de não praticarem atividades homoeróticas, frequentam tais espaços. A sigla também é usada por gays e lésbicas, como maneira de autodefinição. Os grupos de ativismo se referem à sigla GLBT (gays, lésbicas, bissexuais e travestis), por considerá-la politicamente correta, pois inclui outras minorias, além dos gays e lésbicas. Os transexuais, transgêneros e intersexes não são incluídos nesta última sigla, embora sejam reconhecidos pelo ativismo internacional como integrantes da causa em defesa dos direitos das diferenças sexuais.

<sup>3</sup> Cabe mencionar que o artigo de Machado da Silva data de 1968. Na atualidade, a noção de botequim tem mudado, a ponto de certos espaços denominados de botequim apresentarem um ambiente mais requintado, com amplo cardápio de petiscos e bebidas, muito distinto da descrição deste autor. Por outro lado, o vocábulo “boteco” ou “botequim” é mais utilizado por pessoas de camadas médias – que às vezes frequentam bares mais populares – do que no léxico daqueles que frequentam cotidianamente este tipo de estabelecimento. Como estrangeira, por exemplo, conheci o termo boteco por meio de colegas do curso de pós-graduação, e não no discurso dos *habitués* do Flôr do André. A existência de um guia dos melhores botequins do Rio – já na sexta edição –, difundido em livrarias da Zona Sul do Rio de Janeiro, funciona também como indicador da mudança no sentido da palavra.

se expande para a calçada, e aquele estabelecimento, que parece um diminuto bar nas horas de sol, amplia seus horizontes, com a cumplicidade da lua.

Entretanto, a distinção entre “dentro” e “fora” não é marcada apenas pelo clima ou pelo horário. Ela responde por um diferencial de antiguidade no lugar. Esta distinção também pode ser pensada a partir da diferença estabelecida por Elias e Scotson (2000) entre os “*estabelecidos* e *outsiders*”, quando se apresentam diversos níveis de inclusão-exclusão nas relações visibilizadas no estabelecimento, sendo as *estabelecidas* as freguesas mais antigas, mas não necessariamente somente elas.

Seria factível grafar a estrutura em círculos concêntricos, com um núcleo duro no centro. Este centro possui uma aparência inquebrantável, ao menos com relação à permanência no lugar e na espacialidade, com uma autoridade para se espalhar. Os aros correspondem aos distintos grupos, cuja estabilidade é diretamente proporcional à distância do centro. Ambas – estabilidade e distância – variam de acordo com determinadas características: antiguidade, frequência, lugar de procedência e tipo ou grau de relação (nível de intimidade) com os integrantes do núcleo duro.<sup>4</sup> Assim, partindo da premissa de que qualquer pessoa é bem-vinda sem distinção (como explicam o dono e os antigos clientes), poder-se-ia conjecturar que qualquer um/a que deseje ir ao bar seria um/a fregues@,<sup>5</sup> seria um/a *estabelecid@* potencial, bastando tomá-lo como ponto de encontro, com grande assiduidade. Porém, na prática, não é tão simples. Estabelecer-se ou tornar-se fregues@ implica ser mulher, gostar de mulher e respeitar certas regras, como não olhar (ou sequer conversar com) a mulher/ex-mulher/ficante/assunto ou simplesmente aquela que já foi observada por outra antes, sobretudo se a “outra” é mais antiga no lugar.

Por outro lado, também há *outsiders* potenciais: travestis e *gays* muito afetados, denominados usualmente “bichas”.<sup>6</sup> Esta regra é tácita e não deriva do dono, mas da manifestação de algumas clientes: os olhares diretos, as conversas veladas entre elas, a fofoca, ou o simples ignorar a presença d@ sujeit@ no lugar, mas nunca ocorre por meio de qualquer interjeição verbal direta à pessoa alvo. “Esse lugar é nosso, eles têm lá o Buraco da Lacreia<sup>7</sup> onde a gente não vai porque não tem meninas, só homem que olha para homem.” Um homem que desrespeite outra regra não tão explícita, tampouco é bem recebido: homem é só amigo, não paquera nem tenta tocar em qualquer mulher.

<sup>4</sup> A conformação deste “núcleo duro” ou “grupo fundador” será desenvolvida mais adiante.

<sup>5</sup> O uso da arroba, quando a palavra se refere a sujeitos tanto masculinos quanto femininos, constitui uma estratégia para dar voz ao feminino, em especial nas línguas que utilizam o masculino como referência neutra ou coletiva.

<sup>6</sup> A denominação “bicha” é utilizada em grande parte do Brasil para se referir ao homem homossexual cujo comportamento é muito efeminado. Trata-se de uma categoria analítica explicitada por Guimarães (2004), Fry (1982), Figari (2003), entre outros.

<sup>7</sup> O “Star Club”, mais conhecido como “Buraco da Lacreia”, é uma boate frequentada em sua grande maioria por homens homossexuais, localizada no mesmo quarteirão do Flôr do André. Desde 1987, até sua mudança para o atual endereço, o Star Club funcionou no Centro, na rua Álvaro Alvim.

## **De homem pra homem: o lugar dos homens no bar**

Os homens que frequentam o Flôr do André são minoria em relação às mulheres. Quase todos são heterossexuais, à exceção de um ou dois amigos do garçom,<sup>8</sup> e um holandês que regressou para seu país durante o período da observação de campo. Somam um total de dez, com frequência regular, mas nunca estão todos, simultaneamente. Somente quando há festas<sup>9</sup> é possível contar com esta quantidade que, em contraste com o número de mulheres, é marcadamente menor.

Geralmente permanecem calados, solitários, bebendo cerveja e participam pouco das conversas. Concentram-se no horário do meio-dia ou após o almoço, mas sempre há algum homem no lugar. Nos momentos em que a clientela é basicamente formada por mulheres, é comum vê-los recolhidos em um canto nos fundos, entre a máquina de som e o final do balcão. “Eu venho aqui há anos” – afirma Francisco<sup>10</sup> – “antes não tinha mulher, mas agora começaram a vir. Uma trouxe a outra e assim o bar mudou. Agora é bar de mulheres. Eu não tenho problema nenhum, mas muitos [antigos fregueses] não querem aparecer, foram para outros botequins.”

Cabe lembrar que o Flôr do André existe há mais de 20 anos (30, segundo alguns antigos fregueses) com o mesmo nome, no mesmo local. Entretanto, a clientela, que antes era formada basicamente por homens, mudou, a partir da entrada da nova direção, há cerca de cinco anos. As palavras de Gervásio, dono atual, deixam entrever o motivo da mudança: “o que mudou foi uma coisa simpática que não sei se é a minha pessoa ou o rapaz que trabalha comigo, que é o Aldairton, que conhece muitas pessoas, que anda muito por aí... talvez ele seja um objetivo que atrai. Também, como eu não tenho preconceito com nada”. Gervásio se refere às primeiras mulheres que começaram a frequentar o lugar. Embora esta incorporação de mulheres “entendidas” à freguesia do bar tenha feito com que muitos antigos clientes optassem por outro lugar para beber, alguns não se importaram com a presença – aliás majoritária – delas, e prosseguiram no Flôr do André.

As mulheres ocupam uma posição de domínio na apropriação do espaço. São elas que marcam as rotinas, a escolha da música, o uso físico do contexto e, sobretudo, o regime de enunciação: aquilo que pode ou não ser dito, e os momentos de fala ou silêncio. Os homens que circulam, mesmo os mais antigos no lugar, não se colocam

<sup>8</sup> Aldairton, o garçom, é gay e faz parte do grupo mais antigo. Ele começou a frequentar o bar como freguês e pouco depois passou a trabalhar como garçom. Nilda, a garçonete que atende durante o dia, percorreu a mesma trajetória, e começou a trabalhar há um ano e meio.

<sup>9</sup> Entre 40 e 50, em festas e aniversários comemorados ali, 20 em dias de semana à noite, e cerca de 30 (dependendo das condições climáticas), nos finais de semana.

<sup>10</sup> Francisco tem em torno de 40 anos e reside em um hotel, na rua Riachuelo. Trabalhava como guarda-costas, mas atualmente está desempregado. Segundo seu relato, passa grande parte do tempo bebendo cachaça no Flôr do André, por não ter vontade de fazer outra coisa. Ele fica muito isolado dos outros homens e, de acordo com minha observação e a partir de comentários, não goza da confiança da freguesia.

em posição de poder, mas de sossego e silêncio, falam baixo entre eles – quando falam – ou participam de conversas com as mulheres só quando convidados.

O uso dos banheiros incorpora a mudança da apropriação do espaço. Apesar de haver dois banheiros, há apenas uma fila, dado o número de mulheres que decidem invadir o espaço reservado aos homens com o cartaz “eles”.<sup>11</sup> Perante tal situação, os homens tomam a mesma atitude assumida em outras ocasiões: nenhuma. Não discutem, não exigem, não se queixam, esperam pacientemente: “Fazer o que? É bar de mulheres, a gente tem que respeitar”.

Carneirinho trabalha em um hotel do Centro da cidade. Ele costuma passar pelo bar à noite e nos finais de semana, quando tem folga do trabalho. É um dos homens mais próximos das mulheres que formam o grupo mais antigo, e um dos poucos homens com quem elas aceitam dançar, durante as festas. “Eu gosto delas, somos amigos há muito tempo, a Martinha, a Neia, a Rubi.<sup>12</sup> Eu passo mulheres para elas e elas passam pra mim” (ri da própria piada). Diversas clientes admitiram ver nele um bom amigo, uma pessoa que escuta, com quem podem falar “de homem para homem”. Mesmo assim, quando a noite avança, e os efeitos do álcool dominam seus ímpetos, ele é rejeitado, porque “fica grudento demais”.<sup>13</sup>

Qualquer resquício de paquera por parte dos homens é rejeitado pelas mulheres. As freguesas do Flôr do André fazem questão de esclarecer, para os homens, a perda de tempo em paquerá-las: “Eles sabem que a gente não está nem aí para eles, mas têm a esperança de conseguir alguma coisa pagando cerveja”, afirma Joana. “Bebe numa boa o que te oferecem porque é para isso que estão aqui, para encher nossos copos, se querem mulher para cama que se danem”, acrescenta Magnata. Esta atitude de desdém em relação aos homens se repete a cada vez que algum tenta conquistar uma “entendida”. Elas não vacilam em rejeitá-los e desprezá-los mediante olhares, gestos ou expressões, tais como: “Você acha que eu gosto da linguíça que tem entre as pernas?!” , “Eu gosto é de xoxota, não de pau”, “Vai! leva teu pau para tua mulher que está lá na tua casa te esperando e deixa a gente em paz!”, “Cai fora, mané! Tu não sabe onde que tu está? Aqui a gente gosta é de mulher”. Diante de tais interjeições, os homens não conseguem fazer outra coisa, continuam a encher o copo das mulheres que, além de insultá-los e menosprezá-los, seguem exigindo cerveja.

Não há espaço para a sedução de uma mulher por um homem. Aqueles que insistem com a paquera são excluídos dos grupos e, às vezes, conduzidos para fora pelo garçom, que impede seu retorno, caso mantenham tal conduta. Eles são vistos

<sup>11</sup> O uso indiferenciado dos banheiros, praticado pelas freguesas do Flôr do André, desconstrói a divisão de gêneros, diluindo esta ordem tácita no ato de apropriação do cubículo assinalado como pertencente aos homens. Assim – e igualmente de maneira inconsciente – a vigilância é transformada em cumplicidade, e a divisão em mistura.

<sup>12</sup> Martinha, Neia e Rubi pertencem ao denominado “núcleo duro”: o grupo de freguesas mais antigas, que impõem as regras de moralidade no bar.

<sup>13</sup> Referência à sua mudança quando está bêbado, tentando beijar as mulheres ou oferecendo companhia na cama.

como amigos ou simples provedores de álcool; seu desejo sexual não integra os relacionamentos, que parecem se pautar mais em um modo homosocial<sup>14</sup> do que heterosocial, a partir do pressuposto de que elas se consideram iguais, numa relação de homem para homem. A genitália *biológica* dos homens perde seu poder *simbólico* no Flôr do André. Apesar da afirmação da suposta igualdade, o que, de fato, parece operar, seria uma inversão na desigualdade entre os gêneros ou, ao menos, entre masculinidades hegemônicas e alternativas. Se, como explicam Cornwall & Lindsfarne (1994b), as identidades genéricas são *necessariamente* construídas em referência aos outros, que aparecem como *diferentes e/ou dominados*, falar em *masculinidades* implica pensar em uma lógica de poderes, na qual umas se definem em relação de alteridade com aquelas vistas como hegemônicas.<sup>15</sup> Assim, a masculinidade das mulheres do Flôr do André subverte a ordem, colocando-se em posição de domínio, em relação àquela dos homens, deslocados para as margens. Eles perdem a centralidade espacial e são relegados a um canto do bar. Perdem o lugar de flerte e conquista para as mulheres, não por serem eles agora o objeto de conquista, mas justamente por não participarem da economia do desejo imperante.

Por que eles permanecem no local? Talvez pela mesma razão que mantenham os flertes: em matéria de sedução, operam em uma rede distinta. São amig@s, bebem junt@s, falam de mulheres, compartilham do gosto pelas mulheres; entretanto, o lugar a partir do qual amb@s habitam o mundo faz a diferença. Eles sabem que não fazem parte da concorrência amorosa, por irrefutáveis sinais de rejeição: a autodenominação das entendidas, as paqueras que ocorrem, os beijos “proibidos” que se deixam ver. Ainda assim, esses homens parecem guardar uma esperança secreta de alcançar êxito na conquista. Há um espaço de incompreensão que, entretanto, não impede a permanência ou a amizade, desde que se respeite a negociação. As pequenas distinções em um mundo que se configura como contínuo estabelecem percepções diferenciadas, a serem negociadas em uma socialização conjunta. “Um mundo contínuo de pequenas diferenças ao invés de grandes oposições, de semelhanças em cadeia no lugar de igualdades ou oposições binárias” (VELHO, 2003, p. 9) ecoa com a ideia ingoldiana da diferença (INGOLD, 1993), como parte do habitar nesse mundo em que, necessariamente, devemos envolver-nos com outr@s, semelhantes, mas não iguais, diferentes, mas não inabordáveis, simplesmente outr@s elos na cadeia de relacionamentos chamada *socialização*.

Se o Flôr do André se constrói como lugar diferenciado, os relacionamentos que nele se sucedem moldam e permitem essas mobilidades.

<sup>14</sup> Utilizo a denominação “homosocialização”, “homosociabilidade” ou “homosocial” em referência aos tipos de relacionamento social estabelecidos entre indivíduos do mesmo sexo. Cf. Kosofsky Sedgwick (1985); Vale de Almeida (1995); Blázquez (2004).

<sup>15</sup> Na literatura feminista de gênero ou, mais recentemente, na chamada *queer* ou de estudos *gays* e lésbicos, a masculinidade hegemônica é referida ao homem branco, heterossexual de classe média, de países centrais. O fato de abrir a possibilidade de existência de outras masculinidades colabora com a desnaturalização e desempoderamento da hegemônica, como a única possível ou visível. Cf Halberstam (1998); Butler (1993); Rosaldo (1974); Rich (1980); Moore (1988), entre outros.

## **Aqui é tudo família: relacionamentos no bar, pertença e exterioridade**

Ainda que as freguesas se refiram ao lugar como um espaço familiar e aos relacionamentos como “de família”, pertencer implica entrar na arena com um duplo e oposto significado: ser objeto de desejo e possível rival (concorrente) na luta por uma nova (ou velha) presa na área.

Como se configuram as relações neste espaço? Quais as marcas de pertença ou de exterioridade?

A maioria das freguesas do bar se conhece desde a juventude. São moradoras do bairro e constituem um grupo bastante unido, apesar das – e graças às – discussões constantes. Estes conflitos configuram o mapa relacional, criam alianças e inimizades, que podem ou não se manter ao longo do tempo, dependendo do nível de tensão. As brigas são quase exclusivas do universo das mulheres; raramente há homens envolvidos.<sup>16</sup> Não era incomum chegar ao bar e encontrar um ambiente estranho, com uma divisão das mulheres que formavam um determinado grupo em duas facções, em decorrência de alguma disputa recente. Tampouco era incomum que, na ida seguinte, o grupo já estivesse novamente coeso. Entretanto, certas diferenças não podem ser resolvidas, o que resulta em limites às interações dentro e fora do local. No Flôr do André, os diferentes graus de intimidade ou as *intrigas e questões*<sup>17</sup> entre a clientela modificam o desenho da malha relacional, como resposta de uma estrutura muitas vezes tecida pela fofoca e pelos relacionamentos amorosos entre as freguesas.

O grupo inicial, que funciona como núcleo duro do bar, é formado pelas clientes que começaram a se apropriar do espaço há mais de quatro anos:

acredito que quem começou a frequentar aqui... fui eu [Martinha], a Rubi. Veio a Neia... E daí, veio gente, um foi passando para outro e outro... às vezes, tem um barzinho aqui de uma colega que também é do babado, na Rezende, e tem outro na Mem de Sá, então a gente estava com o grupo todo dividido. Aí hoje em dia *formou esse barzinho*, onde todo mundo se reúne. É aqui.

A expressão “formar o barzinho” reforça a especificidade deste estabelecimento. A presença destas mulheres reformula e especifica o lugar, outorgando-lhe um matiz próprio, moldado pelos usos do espaço, da freguesia e da conjunção de ambos, o

<sup>16</sup> Nestes últimos casos, o problema geralmente ocorre quando um homem deseja flertar com a namorada/caso/assunto de alguma freguesa, o que é considerado como erro imperdoável.

<sup>17</sup> Ao abordar as intrigas e questões, referi-me às categorias elaboradas por Marques (2001), que define como “fase da relação de conflito em que as vinganças se sucedem, o antagonismo recrudescer, as ameaças são ativas” (2001, p. 153). Por seu lado, a intriga “é um momento que projeta aquela questão do passado até o presente, em direção ao futuro” (MARQUES, 2001, p. 12); é uma “relação nascida de um conflito, intrinsecamente infinita, estabelecida entre partes tendencialmente iguais nos planos de hierarquia social e moral, que expressa-se fundamentalmente através de códigos territoriais e verbais” (MARQUES, 2001, p. 87).

que é explicitado pelos diferentes tipos de relacionamentos desenvolvidos entre elas, e com os homens que frequentam o estabelecimento.

Este “núcleo duro” funciona como um controle dissimulado de licença e proibição, diretamente relacionadas à possibilidade de permanência naquele lugar. As frequentadoras mais recentes tratam as mais antigas de um modo especial, com termos como “a nobreza”, “a aristocracia”, “as locais”, com um tom que varia desde a ironia até o respeito. Assim, um critério de prestígio posiciona a antiguidade como valor simbólico. Nesta lógica, se alguma “entendida” tem problemas com uma integrante do grupo fundador, com certeza o resto virará as costas para ela, o que fará com que, imediatamente, ela não seja bem-vinda nas mesas, nem participe de conversas. Nos termos de Queiroz, a freguesia do Flôr do André poderia ser pensada, metaforicamente, como uma estrutura e movimentação similares à lógica da *parentela*:<sup>18</sup> os setores subalternos da pirâmide respondem aos pareceres e preceitos dos segmentos superiores, de modo que os elementos opostos ao núcleo também o serão ao restante do grupo. A socialização clânica permite, por um lado, a coesão e proteção dos integrantes e, por outro, conduz à exclusão e desamparo d@s forâne@s.

Exemplo deste tipo de situação é o caso de Daiana, namorada de Monique. Monique, 32 anos, uma das mais jovens do grupo, ex-namorada de Martinha e “bichinho de estimação”. Loira, alta, robusta, sempre com a “pele quente” – a maior parte do tempo se veste com camisetas coladas ao corpo, saias curtas ou *shorts* mínimos –, sempre bronzeada, de bom humor, olhar direto, voz grave e forte, sorriso perene nos lábios, alegre e despreocupada, protegida por várias pessoas, inclusive pelo dono do bar, por considerarem-na ingênua, confiante e bondosa com todos. É a única a quem é permitido contato físico direto e intenso: senta no colo das amigas, beija-as no pescoço, esfrega a bunda na virilha das mulheres. Por outro lado, é a única que admite a reciprocidade, em face de seu comportamento. Ela não faz escândalo se alguma amiga passa a mão – na bunda e até na virilha, à vista de qualquer um, ou toca seus peitos, brincando. Este tipo de conduta não passa de um jogo que ali se explicita; ela não mantém – pelo menos, até onde pude indagar – relações sexuais com nenhuma destas mulheres.<sup>19</sup> Oriunda da cidade de Cabo Frio, passa boa parte

<sup>18</sup> Parentela formada por um conjunto de indivíduos, unidos por laços de parentesco carnal, espiritual (compadrio) ou de aliança (uniões matrimoniais). Grande parte dos indivíduos de uma parentela se originava de um mesmo tronco, fosse legalmente ou bastarda (QUEIROZ, 1976, p. 179).

<sup>19</sup> Monique *embodifica* uma feminilidade ausente entre a maioria das freguesas. Seu modo de vestir e agir difere da média do lugar. Utilizo este neologismo, derivado do termo inglês *embodiment* – em contrapartida à palavra equivalente em português “encarnar” – pela carga de significado que possui em relação à importância do corpo, como lugar através do qual habitamos o mundo. Devo também esclarecer que, reconhecendo a autoridade de Csordas (2002) sobre o paradigma do *embodiment*, minha interpretação do termo se aproxima da visão de Ingold (2000), que não prioriza uma noção cultural sobre outra natural do corpo, mas reconhece seu caráter biológico. Assim, e seguindo Bateson (1972), Ingold supõe o *embodiment* como um modo relacional de pensar o corpo, no qual o sujeito adquire (embodifica) as habilidades que utilizará para socializar (habitar o mundo). A partir deste ponto de vista, o *embodiment* permite continuar uma lógica de pensamento que perpassa o grande divisor entre Natureza e Cultura, como uma ponte entre ambos.

de seu tempo no Rio de Janeiro, sem endereço fixo, dorme na casa de amig@s que lhe dão abrigo e comida, já que não possui trabalho certo. Daiana, sua namorada, tem 21 anos e é brasileira; fugiu de casa há quase um ano porque o pai a mataria se soubesse que estava namorando uma mulher. Assim, chegou ao Rio de Janeiro sem namorada e decidiu ficar. Atualmente, mora na casa da tia de uma ex-namorada, perto da rua André Cavalcanti, e trabalha em um boteco próximo ao Flôr do André.

O relacionamento entre elas se transformou durante a observação, e foi acompanhado pelas mudanças no modo de tratamento recebido por Daiana, por parte das amigas de Monique. Daiana abandonou Monique duas vezes, em função da chegada de uma jovem brasileira, que mora nos Estados Unidos, com quem “está casada”, com “anel de noivado”. Em conversas com Daiana, ela demonstrou pouca intenção de compromisso maior com Monique, sempre deixou claro que só estavam “ficando”, enquanto sua “verdadeira” namorada estivesse fora do país. Contudo, a versão de Monique é diferente: ela se considerou traída, sobretudo por suportar os desvarios e desaparecimentos da amada. Esta versão se tornou a oficial, de modo a motivar condutas de respaldo e paparcos em relação a Monique, e confronto e rejeição no que se refere a Daiana.

No início do trabalho de campo, Daiana costumava passar horas bebendo e conversando com os frequentadores, mesmo sem a companhia de Monique. Entretanto, na medida em que brigaram, o tratamento se alterou substancialmente, até chegar ao extremo de nenhuma pessoa lhe dirigir a palavra ou cumprimentá-la, quando ela passava pela porta do botequim.

Na comemoração de um aniversário no qual Martinha se encarregava do churrasco,<sup>20</sup> eu conversava com ela, quando Daiana passou ao nosso lado. Ela se aproximou, me cumprimentou com um beijo, perguntou como ia minha vida e, sem sequer dirigir o olhar para Martinha, seguiu seu caminho. Observei que Martinha acompanhou Daiana, com um olhar duro e forte, como se desejasse formar um campo de força à sua volta, para ajudar a estabelecer uma distância física entre elas. Indaguei o que ocorria. Martinha, franzindo o cenho e o nariz como se sentisse um cheiro muito desagradável, limitou-se a responder: “essa aí não presta, não é gente”, e mudou de assunto. A partir deste dia, constatei que Daiana não entrava mais no bar e, quando queria falar com Monique, ia até a porta e a chamava, ou solicitava que outra pessoa fosse buscá-la. A Daiana passou a ser atribuído um estigma, que funcionou de modo expulsivo, o que a impediu de se aproximar novamente do espaço do bar, mesmo no caso de restabelecimento de uma relação com Monique.

<sup>20</sup> Nas festas organizadas, geralmente de comemoração de um aniversário, o dono do bar empresta uma churrasqueira (que permanece guardada na cozinha), que é colocada na rua, ao lado da calçada. A aniversariante leva uma boa quantidade de carne (geralmente de boi ou de frango), e @s convidad@s levam mais carne. Uma pessoa próxima à aniversariante toma conta da grelha. Em diversas ocasiões, Martinha desempenhou a função de churrasqueira, reconhecida socialmente como papel masculino.

Este comportamento se espalhou, e alcançou @s fregues@s, mediante a *fofoca de desprezo*,<sup>21</sup> como forma de explicitar e impor a opinião do núcleo ao conjunto, que não pode (nem tem a intenção de) rejeitar ou se opor à sentença.

Por outro lado, a solidariedade não apenas se manifesta de forma negativa (rejeitando os elementos desprezados) como positivamente (reforçando a pertença ao grupo e a amizade, tidos como bens valiosos). No dia da missa de sétimo dia da mãe de Vitória,<sup>22</sup> várias pessoas decidiram se reunir no Flôr do André, para irem até a igreja. A missa teria início às 17 horas. Às 16h30, já havia se formado um grupo com cerca de sete pessoas. Partimos rumo à igreja, que dista três quadras do bar. Lá já se encontravam outr@s dez fregues@s, na porta. Entramos tod@s junt@s e nos sentamos nos bancos do meio da capela, deixando um vão entre nosso grupo e os familiares de Vitória. Parecia haver um abismo. Vitória conversou conosco até o começo da cerimônia, quando se sentou em uma cadeira posicionada ao lado do altar, local reservado para os familiares diretos da falecida.

Apesar de não serem frequentador@s de qualquer igreja, nem praticantes de alguma religião, o grupo de amig@s do Flôr do André foi à missa para acompanhar Vitória, porque “nestes momentos tão tristes a gente tem que segurar a barra, mesmo correndo risco da igreja cair”.<sup>23</sup>

Com a conclusão da cerimônia, retornamos ao Flôr do André, para acompanhar Vitória. Desta feita, foi oferecido um jantar para ela e, como sempre, com muita cerveja. Fizemos uma coleta de dinheiro (“vaquinha”) e, após chegarmos a um consenso (peixe ou carne), fomos ao supermercado. Compramos arroz, feijão, coentro, peixe, alface, tomate, batatas, farinha de rosca e ainda sobrou um trocado para as primeiras cervejas. Então voltamos para cozinhar. “É melhor manter a cabeça da Vitória ocupada para ela não se lembrar da mãe”, diz Martinha no caminho de volta. “A gente tem que alegrar os amigos nestas ocasiões, não acha? Se você não pode fazer feliz um amigo para que é amigo, né? Vem cá, argentina, me ajuda na cozinha, assim você também colabora na alegria da Vitória, coitada...”. O jantar, preparado na cozinha do Flôr do André, foi servido para tod@s @s presentes, mesmo para aquel@s que não colaboraram, porque, “se a comida dá para todo mundo, tem que ser compartilhada, aqui todo mundo cuida do outro, somos uma grande família”.

<sup>21</sup> Segundo Elias e Scotson (2000), a fofoca funciona como meio de controle social, e se transforma em elemento de rejeição e humilhação (no caso da fofoca de desprezo) ou de admissão e reconhecimento (ao se tratar de fofoca elogiosa). Para este autor, o primeiro tipo é usado por um grupo em referência aos externos, enquanto o segundo para membros de um mesmo grupo, como forma de distinção e pertença.

<sup>22</sup> Vitória, 56 anos, mora “desde sempre” no bairro; namora Nilda, garçonete do Flôr do André, há vários anos. Ela pertence ao grupo das antigas freguesas do bar.

<sup>23</sup> Após a cerimônia, escutei piadas a respeito de nossa presença na igreja, na condição de lésbicas, como se a construção fosse desabar, pela rejeição da igreja católica às práticas homossexuais.

Por que desconsiderar o apelo de família às amizades antigas e recentes, quando a intimidade, a solidariedade e o afeto constroem laços tão fortes e duradouros como os consanguíneos? Se este estudo se baseia em uma proposta de reformulação e de crítica permanente à naturalização das categorias no fazer da ciência, com uma preocupação constante de romper, nos termos do Ingold (2000), o primado dos grandes divisores, por que não resgatar a expressão das falas das “entendidas” de estender a noção de família para além dos parentes de sangue? O parentesco, argumentam Franklin e McKinnon, não é mais concebido como fundado em uma ideia singular e fixa da relação “natural”, mas parece ser montado autoconscientemente, a partir de uma multiplicidade de fragmentos possíveis (BUTLER, 2003, p. 254).

Talvez as novas famílias, além da consanguinidade ou das alianças tradicionais, estejam indicando um caminho para uma nova forma de parentalidade, que se distingue das formas tradicionais. Talvez seja o momento de lembrar que, em algumas relações heterossexuais, a procriação não ocupa mais o mesmo lugar, e a monogamia está, lentamente, deixando uma luz para “casais abertos”, que não necessariamente coabitam, nem conservam a ideia de fidelidade, ou para os relacionamentos à distância de pessoas que residem em diferentes cidades ou países, possuem duas moradias, diversas redes de relação, distintas línguas ou culturas e, mesmo assim, conservam a palavra “casal” para se referir ao tipo de relacionamento. Contudo, a regra da binariedade conjugal ainda é dominante no mundo. Este aspecto não é o que está em discussão aqui, senão as outras possibilidades de constituição do parentesco, que se afastam da concepção dominante.<sup>24</sup> À luz de novas formas de relacionamentos que, segundo as visões das fregues@s, escapam às definições de amizade e se aproximam mais das de família, as formulações de Judith Butler (2003), a respeito do parentesco, podem ser utilizadas para nomear as margens da norma, e a ruptura de uma ordem simbólica, dado que os novos laços de parentesco “podem ser nada mais nada menos que a intensificação de laços comunitários, que podem, ou não, ser baseados em relações sexuais exclusivas ou duradouras, e bem podem consistir em relações de ex-amantes, não amantes, amigos, membros da comunidade.”<sup>25</sup> Nesse sentido, as relações de parentesco atingem fronteiras que colocam em questão a distinção entre parentesco e comunidade, ou clamam por uma concepção distinta de amizade. Isto constitui uma “ruptura” do parentesco tradicional, que não somente desloca o lugar central das relações biológicas e sexuais de sua definição, mas confere à sexualidade um domínio em separado do parentesco, permitindo que um laço duradouro seja pensado fora da moldura conjugal e abrindo o parentesco a um conjunto de laços comunitários que são irreduzíveis à família (BUTLER, 2003, p. 255-256). O que Butler deixa entrever é a mudança lenta das concepções de parentalidade, dada pelas

<sup>24</sup> Como pensar, por exemplo, a figura de *ti@*, se não existe a de *irmã/o*? Como será a estrutura familiar, para as novas gerações de chineses, se o Estado mantém a política do controle restrito da natalidade, permitindo só um/a *filh@* por casal?

<sup>25</sup> Nem todas as amizades são consideradas laços de família. Trata-se aqui de expor a possibilidade desta noção, a partir do referencial de Butler (2003).

modificações e aberturas no leque da ideia de família, sem querer impor, com sua arguição, novas regras. Pelo contrário, é uma análise da explosão de categorias que se sucedem em matéria de sexualidade, que ultrapassam as fronteiras e alcançam os critérios do parentesco, por exemplo. Talvez um exercício de historiar as categorias teóricas e jurídicas, expondo sua volubilidade e dando mais ouvidos à voz dos discursos nativos. Por último e periféricos às tramas de relacionamento que tenho trabalhado até agora, aparecem os homens, que ocupam um papel secundário no bar.

### **O peixinho dourado: a troca sexual interna**

“A memória do peixinho dourado dura três segundos,  
portanto é só dar uma volta no aquário e  
tudo que há nele aparece como novo.”

Estas são as primeiras palavras do filme *Goldfish memory*,<sup>26</sup> e servem de parábola para retratar um aspecto dos relacionamentos amorosos que ocorrem no Flôr do André: a endogamia.

*Grosso modo*, na literatura antropológica, endogamia é concebida como a manutenção de relacionamentos sexuais no interior do próprio núcleo, o que diminui a possibilidade de troca com outros grupos. No entanto, na literatura sociológica brasileira dedicada a analisar a genealogia da família do país, esta prática é tida como comum entre famílias detentoras de poder econômico (e, mais adiante, político), para conservar e estender este poder no próprio grupo.<sup>27</sup>

Entretanto, é possível um uso diferenciado de tal conceito, em referência ao universo social do Flôr do André. Ali, além das novas e ocasionais integrantes (na maioria, casos ou namoradas de alguma frequentadora), há uma troca sexual interna. Aliás, uma particularidade em relação à frase do filme citado modela a cena: a memória é curta, de modo a possibilitar a busca de novas experiências entre velhas conhecidas, às vezes revitalizando, em outras rarefazendo o ar do bar.

As fregues@s, em geral, já tiveram algum tipo de relacionamento amoroso entre si (“ficante”, namorada, caso), o que não significa necessariamente um distanciamento posterior, mas, pelo contrário, uma mudança do estatuto, de namoradas a amigas ou, muitas vezes, passando para a família. Entretanto, este comportamento implica uma tensão (sarcasticamente poder-se-ia falar também de tesão) permanente, devido ao fato de que todas são objeto potencial de desejo. As fronteiras entre amizade e erotismo são opacas: ultrapassadas por olhares, desmanchadas na dança e desfiguradas na fofoca. “Você está com sua namorada, vai ao banheiro, demora, e

<sup>26</sup> Traduzido em português como *Todas as cores do amor*, esse filme irlandês esteve em cartaz na cidade de Rio de Janeiro em 2004. Ele ilustra os diferentes modos de encaminhamento de relacionamentos amorosos.

<sup>27</sup> Ver, entre outros: Wagley (1968), Canêdo (1998), Duarte (1966), Azevedo (1948), Cândido (1951).

as amigas já começam a falar para ela que você está beijando outra. Aí começam a briga e os ciúmes da namorada.”<sup>28</sup> A fofoca funciona também quando duas “entendidas” permanecem conversando por muito tempo, o que pode significar a antessala da cama, a paquera, mas, raramente, um simples diálogo.

Embora tenha explicitado a intenção de pesquisar neste bar e não me relacionar sexualmente com nenhuma frequentadora, estas salvaguardas não me isentaram de fazer parte do papo oculto. “Você está trabalhando, mas está sozinha aqui, ninguém está vendo uma namorada a seu lado. Aqui você é solteira, então, por que não pensar que saiu com a Vera aquela vez?”,<sup>29</sup> é a resposta de Magnata e Martinha. Logo fiquei sabendo, por conversas com Magnata, que supostamente eu já teria transado com duas freguesas do bar e que estaria paquerando outras, dentre as quais a própria Magnata, motivo pelo qual Joana, sua namorada, não queria ir ao boteco quando eu estava lá. Obviamente, nenhum resguardo era válido para rebater a força da percepção: mulher sozinha, naquele contexto, falando horas com outras, resulta em uma equação simples: paquera, namoro, sexo. Embora nenhuma das partes falasse nada a respeito, mais tarde, o ato já se teria consumado, no imaginário do bar. O Flôr do André funciona como espaço de encontros, reconhecimentos, mas raramente são vistas carícias explícitas: “nós estamos acostumadas ao sistema daqui, temos que respeitar o próximo. Acredito que seja assim. Não vou me agarrar com mulher no meio da rua, se quiser, eu levo ela para um motel ou para minha casa”, afirmaram Martinha e Neia.

Assim, a invisibilidade conduz a imaginação, estabelecendo códigos do não dito. Nas palavras de Muniz:

a positividade da clandestinidade, a administração do segredo na construção da carreira homossexual e a maximização do uso da linguagem não-verbal, tanto no ato de paquera como em todo o processo de identificação, emprestam ao amor entre mulheres uma configuração pouco direta e mais implícita. [...] É portanto, através daquilo que parece emudecê-lo, que o lesbianismo torna audível sua fala. (MUNIZ DE OLIVEIRA, 1992, p. 66)

O álcool, por sua vez, colabora para o esquecimento e reconfiguração dos fatos, de modo a construir uma épica particular dos acontecimentos, que irá forjar o currículo das frequentadoras, tecendo uma rede de relacionamentos, verdadeiros e reais aos olhos de todas. A épica do desejo se constrói a partir do rumor, a imaginação como fonte e a invisibilidade como matéria-prima. Deste modo, não é de surpreender a desconfiança de Magnata, o ciúme de Joana ou os boatos sobre minhas conquistas.

<sup>28</sup> Esta foi a explicação dada por Magnata, argumentando o motivo da desconfiança em ter amigas “sapatonas”. Apesar deste depoimento, ela não possui amigas heterossexuais no Rio de Janeiro.

<sup>29</sup> Comentário acerca de uma das vezes que, segundo elas, eu teria saído com Vera, em direção a seu apartamento, apesar de Vera ter ido embora sozinha e de eu ter permanecido por mais uma ou duas horas no bar. Vera é uma freguesa com quem eu conversava muito, já que seu olhar era periférico ao grupo nuclear, pois que ela normalmente permanecia afastada das intrigas e das questões ali presentes.

Em um estabelecimento no qual as próprias freguesas instituem um pacto moral de não se expor, “por respeito aos outros, às crianças que passam pela rua” que “não têm por que ver mulher se beijando, se agarrando”,<sup>30</sup> as carícias e beijos permanecem no espaço privado, e o espaço público é reservado para a amizade e paquera. “Aqui você olha para alguém, rola um papo, passa um bilhete com o telefone ou sai pra algum hotel, mas esse não é lugar de transa, não, senhor! Esse aqui não é uma boate, é aberto, pode entrar todo mundo.”

Entretanto, o fato de censurar os atos de carinho explícito poderia ser lido como persistência em colocar o erotismo no universo do privado. Isto não significa uma adesão ao que Heilborn e Gouveia (1999, p. 177) definem como um universo feminino reservado ao âmbito do privado, da casa, e um masculino correspondente ao domínio do público, da rua, como incomensuráveis abismos de sentido e socialização, que têm como correlato a divisão binária dos sexos. Pelo contrário, o que busco mostrar é a impossibilidade de separar taxonomicamente os dois universos. Masculino e feminino fazem parte da vida das entendidas, que *embodificam* as nuances comuns entre estes.

O Flôr do André é reconhecido como um bar de mulheres, seja entre os residentes da região, seja entre os homens que o frequentam.<sup>31</sup> Não é um lugar que mantenha em segredo seu tipo de público, embora o fato de ser um espaço de socialização de entendidas não implique, como condição *sine qua non*, a pegação,<sup>32</sup> como é o caso dos bares e boates frequentadas por gays.<sup>33</sup> Mesmo assim, a socialização das freguesas do Flôr do André se coloca em uma posição diferente, que flexibiliza e faz uma ponte entre o masculino e o feminino. Embora esta socialização coloque um manto de intimidade para o sexo e o erotismo, estrutura a paquera e os relacionamentos além do espaço de procura sexual em um espaço público, explícito e masculino, como é o boteco.

É dessa maneira que a homossexualidade feminina se põe no mundo. Como uma região incógnita, uma espécie de caixa de surpresas que suspeita da significação que divulga, o amor entre mulheres é capaz de disseminar perplexidade seja quando parece optar pelo seu ruidoso silêncio, seja quando autoriza alguma tradução (MUNIZ DE OLIVEIRA, 1992, p. 59).

<sup>30</sup> Este pacto não é imposto pelo dono nem respeitado por todas as freguesas; porém, são poucas as ocasiões nas quais é possível ver alguma mulher beijando outra e, menos ainda, qualquer situação mais explícita, como agarramento. Já entrada a noite, a situação se descontrai, sobretudo pelo consumo crescente de álcool.

<sup>31</sup> Em conversa com as pessoas que frequentam outros bares, perguntei se conheciam o Flôr do André. As que responderam afirmativamente não tardaram a explicar que era um bar de mulheres (“sapatonas” ou “entendidas” foram os termos utilizados para esclarecer minha “dúvida” diante da palavra mulher).

<sup>32</sup> Pegação é um termo usado na gíria carioca para se referir à aproximação de uma pessoa, em alusão direta à busca de um/a parceir@ sexual.

<sup>33</sup> A esse respeito, sobre o modo de apropriação dos bares e boates por parte do público gay, pode-se consultar Figari (2003), Green (1999), Parker (1999). As salas conhecidas como *dark room*, típicas das boates gays, onde é possível fazer sexo, não existem nos lugares frequentados por lésbicas.

Neste caso, a tradução particular é a possibilidade de percorrer os universos masculinos e femininos, *embodificados* em uma pessoa só.

Da mesma forma, parece difícil “encaixar” os valores morais das freguesas na concepção relacional que supõe a ideologia não moderna (HEILBORN; GOUVEIA, 1999, p. 179), e que caracterizaria mulheres das camadas populares. Para as freguesas deste bar, o casamento não é uma meta, e a conjugalidade homossexual está fora de seus anelos. As expressões “sou solteira, graças a Deus” ou “xoxolteira”,<sup>34</sup> repetidas entre as *habituées*, indicam um valor positivo atribuído à poligamia. Se levarmos em conta que a faixa etária é superior aos 30 anos,<sup>35</sup> o fato de a meta não ser a conjugalidade parece mais estranho, quando esta condição é pensada a partir da lógica de uma ideologia não moderna ou holística, que alguns autores<sup>36</sup> referem para as chamadas “classes trabalhadoras”. Ainda assim, a ideia da reprodução como expectativa da sexualidade seria outra característica do *ethos* sexual feminino nas classes trabalhadoras, fora da economia do prazer das freguesas do boteco. Com isto não excluo a possibilidade de desejo materno, por parte de alguma mulher. O modo de viver e de socializar das “entendidas” do Flôr do André não corresponde à maneira esperada, de acordo com esta concepção relacional da sexualidade feminina nas classes populares, simplesmente porque este quadro de análise deixa de lado uma variável que se torna fundamental no meu universo de pesquisa: a orientação sexual e o modo particular em que estas pessoas a vivenciam. O prazer não está articulado à “reprodução e [à] obrigação social” (DUARTE, 1987, p. 223), não há vergonha em falar sobre o prazer com a parceira ou acerca do dela, pelo contrário, é tema de longas conversas. Assim, o sexo é vivenciado somente no plano do prazer, sem outras consequências.<sup>37</sup> Isto pode ser ilustrado por um diálogo mantido com uma freguesa do grupo mais antigo. Há mais de dois anos Detinha decidiu fazer, pela primeira vez, uma incursão pelas práticas heterossexuais, para saber “se estava perdendo alguma coisa boa”. Decidiu ter um filho porque

já que estava com um homem e tinha vontade de ser mãe, aproveitei o cara como pai. Mas depois de ficar grávida não quis estar mais com ele e me dediquei a meu filho. Agora que já não o amamento mais, e como vi que não tinha nada a perder [ri] voltei para as mulheres... é mais gostoso! a pele suave, o cheiro, hummmm! nada a ver com um homem; uma mulher na cama é sempre melhor (risadas de todas na mesa) .

<sup>34</sup> Jogo de palavras utilizado por homens, que inclui o termo xoxota (vagina) no termo solteiro, indicando a poligamia ou a procura por uma parceira sexual ocasional.

<sup>35</sup> Há três mulheres com menos de 30, a maioria tem entre 30 e 45 anos e há ainda um grupo, que não é fixo, mas que sempre aparece, de mais de 50 anos de idade.

<sup>36</sup> A esse respeito, ver Duarte (1987); Heilborn e Gouveia (1999).

<sup>37</sup> Tampouco pretendo supor esta liberdade como exclusiva das lésbicas, apenas tomo as observações no bar para exemplificar a possível diversidade como contrapartida das cristalizações que conduzem a classificar os sujeitos em categorias fixas.

Qual o diferencial que estabelece o *ethos* de classe ou de sexo? Estas classificações são fechadas ou contribuem somente para explicar uma colocação dos sujeitos no entrecruzamento de redes que comportam vivências de classe, gênero, família, orientação sexual, raça, nacionalidade, idade, de modo a permitir especificar as coordenadas. Onde traçar o “xis” que localiza metaforicamente uma identidade social dos indivíduos? Pensar as identidades como espaços fechados a serem recrutados no campo de pesquisa congela as margens, sempre móveis e relacionais dos sujeitos.

É interessante pensar como os conceitos operam relacionalmente entre diferentes planos. Tomando o Flôr do André como um universo, há uma divisão entre *estabelecidos* (*fregues@s*) e *outsiders*, que se apresenta entre facções que, em um nível mais amplo, em cada uma das relações (gênero, classe social, ocupação, orientação sexual, exteriorização da orientação), são *tod@s tid@s* como *outsiders*: mulheres de camadas populares, subempregadas ou desempregadas, lésbicas e masculinas. Entre elas há um processo de inclusão e exclusão, embora o local pareça aberto a todas. Por sua vez, os homens que procuram ali por uma parceira são rejeitados, quase sem possibilidades de retorno ao botequim.

Assim, dentro do bar as *abjeções*<sup>38</sup> funcionam de forma diferente, porém, nem sempre inversa em relação à sociabilidade hegemônica. Aquelas pessoas que estão fora da norma [anormais] são as que estabelecem os critérios de normalidade no espaço, colocando à margem o que, com base em critérios de normalidade social, deveria funcionar como centro: por um lado, os homens que se comportam segundo a chamada masculinidade central hegemônica<sup>39</sup> e, por outro, as mulheres que não respondem aos cânones comportamentais estipulados pelo grupo mais antigo.

Este bar pode ser pensado como uma teia de interconexões, para a qual confluem e convivem diferentes redes, quer dizer, distintos universos de sentido. Por sua vez, determinadas ligações atuam na mediação entre os pontos nodais de cada rede, fazendo com que as pessoas desempenhem determinados papéis. Tais mediações talvez sejam o álcool, o gênero (ou, mais corretamente, o modo de fazer gênero), os níveis de inclusão-exclusão e a relação com o objeto de desejo, que funcionam aproximando e afastando, simultaneamente, os diversos atores. Entretanto, apesar de estas particularidades estabelecerem distintos parâmetros para se colocar no bar, não se comportam como abismos de sentido, mas como singularidades para habitar um mundo no qual se acotovelam pacificamente e conformam as peculiaridades do

<sup>38</sup> O conceito de *abjeção* supõe, para Butler, a produção de um terreno a partir do qual a diferença se estabelece, designando uma condição degradada e excluída, de acordo com os termos da sociabilidade (BUTLER, 2002, p. 19, nota 2).

<sup>39</sup> Na literatura feminista, de gênero ou, mais atualmente, na chamada *queer* ou de estudos *gays* e lésbicos, a masculinidade hegemônica se coloca sobre o homem branco, heterossexual de classe média, de países centrais. O fato de abrir a possibilidade da existência de outras masculinidades colabora com a desnaturalização e desempoderamento da hegemônica como única possível ou visível. Para mais dados, consultar Halberstam (1998); Butler (2002); Rich (1999), entre outros.

lugar. Se o Flôr do André se configura como espaço diferenciado, isto se deve tanto a tais características individuais quanto à convivência que se observa em seu interior.

*Abstract: The purpose of this work is to explain the different ways that a group of women who like women – entendidas as their self-denomination – takes position of a place that has been whenever considered as masculine and the strategies that appears in this process. How is the groups's configuration inside the bar? Which is the actually place of aged men-costumers? Which are the different levels of inclusion and exclusion? What is the seduction's role in groups's articulation of women-costumers? Why do these women talk in "family bar"? This are the questions to be explained.*

*Keywords: lesbianism; queer studies; gender studies; sociability.*

*(Recebido em outubro de 2008 e aprovado para publicação em dezembro de 2008.)*

## Referências

- AZEVEDO, Fernando de. *Canaviais e engenhos na vida política do Brasil: ensaio sociológico sobre o elemento político na civilização do açúcar*. São Paulo: Melhoramentos, 1948.
- BATESON, Gregory. Form, substance and difference. In: \_\_\_\_\_. *Steps to an ecology of mind*. New York: Ballantine Books, 1972. p. 448-466.
- BLÁZQUEZ, Gustavo. *Coreografias do gênero: uma etnografia dos bailes de quarteto*. (Córdoba, Argentina). Tese (Doutorado em Antropologia Social)-PPGASMN, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2004.
- BUTLER, Judith. *Cuerpos que importan: sobre los límites materiales y discursivos del sexo*. Buenos Aires: Paidós, 2002.
- \_\_\_\_\_. O parentesco é sempre tido como heterossexual? *Cadernos Pagu: Revista Semestral do Núcleo de Estudos de Gênero*, Campinas, SP, v. 21, p. 219-260, 2003.
- CÂNDIDO, Antonio. The brazilian family. In: SMITH, Lynn; MARCHANT, Alexander T. (Ed.). *Brazil: portrait of half a continent*. New York: The dyden Press, 1951. p. 291-312.
- CANÊDO, Leticia. La production généalogique et les modes de transmission d'un capital politique familial dans le Minas Gerais Brésilien. *Genésés*, Paris, p. 4-28, juin. 1998.
- CORNWALL, Andrea; LINDISFARNE Nancy. Gender Power and anthropology. In: \_\_\_\_\_. (Ed.). *Dislocating masculinity*. Londres: Routledge, 1994a.
- \_\_\_\_\_. Introduction. In: \_\_\_\_\_. (Ed.). *Dislocating masculinity*. Londres: Routledge, 1994b.

CSORDAS, Thomas J. Somatic modes of attention. In: \_\_\_\_\_. *Body/Meaning/Healing*. New York: Palgrave Macmillan, 2002.

DUARTE, Luiz Fernando Dias. Pouca vergonha, muita vergonha: Sexo e moralidade entre as classes trabalhadoras urbanas. In: LEITE LOPES, José Sérgio (Ed.). *Cultura e identidade operária: aspectos da cultura da classe trabalhadora*. São Paulo: Marco Zero, 1987. p. 203-225.

DUARTE, Nestor. *A ordem privada e a organização política nacional*. São Paulo: Companhia Ed. Nacional, 1966.

ELIAS, Norbert; SCOTSON, John. *Os estabelecidos e os outsiders*. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2000.

FRY, Peter. Da hierarquia à igualdade: a construção da homossexualidade no Brasil. In: \_\_\_\_\_. *Para inglês ver*. Rio de Janeiro. Ed. Zahar. 1982.

FIGARI, Carlos Eduardo. *L@str@s cariocas: interpelaciones, experiencias e identidades homoeróticas em Rio de Janeiro (Siglos XVII al XX)*. Tese (Doutorado em Sociologia)–Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2003.

GREEN, James N. *Além do carnaval: a homossexualidade masculina no Brasil do século XX*. São Paulo: Ed. da Unesp, 1999.

GUIMARÃES, Carmen Dora. *O homossexual visto por entendidos*. Rio de Janeiro: Garamond, 2004.

HALBERSTAM, Judith. *Female masculinity*. Durham: Duke University Press, 1998.

HEILBORN, Maria Luiza; GOUVEIA, Patricia Fernanda. “Marido é tudo igual”: mulheres populares e sexualidade no contexto da Aids” In: BARBOSA, Regina Maria; PARKER, Richard (Ed.). *Sexualidades pelo avesso: direitos, identidades e poder*. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1999.

INGOLD, Tim. People like us’: the concept of the anatomically modern human. In: \_\_\_\_\_. *The perception of the environment: essays on livelihood, dwelling and skill*. London: Routledge, 2000. p. 373-391.

\_\_\_\_\_. The art of translation in a continuous world. In: PÁLSON, Gísli (Ed.). *Beyond boundaries: understanding, translation and anthropological discourse*. Oxford: Berg, 1993. p. 210-230.

LAMPHERE, Louise; ROSALDO, Michelle Zimbalist (Ed.). *Women, culture and society*. Stanford: Stanford University Press, 1974.

MACHADO DA SILVA, Luiz António. O significado do botequim. *Revista América Latina*, [S.l.], n. 12, v. 3, p. 160-182, jul./set. 1969.

MARQUES, Ana Claudia. *Intrigas e questões: vingança de família e tramas sociais no sertão de Pernambuco*. Tese (Doutorado)–PPGAS/MN, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2001.

MOORE, Henrietta L. *Feminism and Anthropology*. Cambridge: Cambridge Polity Press, 1988.

MUNIZ DE OLIVEIRA, Jacqueline. *Mulher com mulher dá jacaré, uma abordagem antropológica da homossexualidade feminina*. Dissertação (Mestrado em Antropologia

- Social)–PPGAS-MN, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1992.
- PARKER, Richard. *Abaixo do equador: culturas do desejo, homossexualidade masculina e comunidade gay no Brasil*. Rio de Janeiro: Record, 2002.
- QUEIROZ, Maria Isaura P. de. *O mandonismo local na vida privada e outros ensaios*. São Paulo: Alfa-Ômega, 1976.
- RICH, Adrienne. La heterosexualidad obligatoria y la existencia lesbiana. In: NAVARRO, Marysa; STIMPSON, Catharine (Comp.). *Sexualidad, género y roles sexuales*. Bs. A.s: Fondo de Cultura Económica de Argentina, 1999.
- SEDGWICK, Eve Kosofsky. *Between men: english literature and male homosocial desire*. New York: Columbia University Press, 1985.
- VALE DE ALMEIDA, Miguel. *Senhores de si: uma interpretação antropológica da masculinidade*. Lisboa: Fim de Século, 1995.
- VELHO, Otávio. *A persistência do cristianismo e dos antropólogos*. Versão revista de texto apresentado em 1 de dezembro de 2003 na mesa-redonda "As Missões Religiosas entre Índios, Antropologia e o Estado" durante a V Reunião de Antropologia do Mercosul (RAM) realizada em Florianópolis, 2003.
- WAGLEY, Charles. Kinship patterns in Brazil: the persistence of a cultural tradition. In: \_\_\_\_\_. *The Latin American tradition: essays on the unity and the diversity of latin american culture*. NY: Columbia University Press, 1968.